

56. Fin de Siècle¹

o escândalo da bomba no japão / o promotor do U2 parte para cima de madonna / as camisetas salvam o dia / larry faz um balanço / o 157º e último show da zoo tv / o segredo do universo

O U2 tem alguns mal-entendidos para resolver com os japoneses. O maior é um relatório, amplamente divulgado no Japão, de que, durante a parte americana da turnê, as telas da Zoo TV se iluminavam com a mensagem BOMB JAPAN NOW [BOMBARDEIEM O JAPÃO AGORA]. Um repórter de um jornal de Atlanta disse que viu a mensagem e escreveu sobre isso, e embora isso não tenha sido grande coisa para os leitores em Atlanta, foi um grande incômodo em Tóquio. As adolescentes educadas que esperam no lobby do hotel o dia todo com seus álbuns do U2 se aproximam e fazem perguntas sobre a banda à qualquer anglo-saxão que passa, e uma das mais populares é: “Eles realmente odeiam o Japão?”

O que o U2 não conseguiu deixar claro é que, embora seja possível que essas três palavras - bombardeiem, Japão e agora - possam ter aparecido em sequência rápida uma vez, não foi intencional e não há como verificar. Durante “The Fly”, todas as telas ao redor de Bono exibem centenas de palavras aleatórias em alta velocidade em sequência aleatória. Essas três palavras estão todas no arquivo, então elas podem ter surgido juntas, mas, como cada palavra pisca por uma fração de segundo, é igualmente possível que o repórter tenha visto essas três palavras em meio a uma série de outras palavras e seu cérebro as conectou em uma frase que realmente não existia. Não há como dizer, e é uma perda de tempo adivinhar, mas como o U2 é incapaz de negar, os japoneses sensíveis à bomba estão preocupados com a banda hoje em dia. O assunto se resume desse modo: dê uma máquina de escrever a um macaco e ele acabará por ofender alguma sensibilidade nacional.

Além desses ressentimentos, há problemas com o promotor local que está contratando os shows da Zoo TV aqui no Japão. Como expliquei na Austrália, um dos maus efeitos colaterais secundários da enorme despesa dessa turnê é que o U2 teve que exigir grandes garantias dos promotores que queriam contratá-los. Algumas bandas - os Rolling Stones, por exemplo - fazem isso de forma natural, mas no passado o U2 operava compartilhando mais riscos com os promotores. Dessa vez, McGuinness teve que pedir aos promotores locais para que pagassem grandes quantias antecipadamente. Isso fez com que alguns promotores tentassem se safar, aumentando os preços dos ingressos, o que em alguns shows levou a assentos não vendidos.

O show de sexta-feira no Tokyo Dome, de 45 mil lugares, está lotado, mas a quinta-feira não chegou nem perto. O promotor está zangado com o fato de McGuinness não considerar devolver parte do adiantamento e compartilhar a perda. A atitude de McGuinness é que toda essa semana de turnê e viagem para o Japão foi adicionada apenas para acomodar esses dois shows, e seria injusto para seus clientes dizer agora que eles não serão pagos por isso.

A situação é especialmente delicada porque o promotor lutou como um ninja pelo U2 quando suas datas se viam ameaçadas, quando o Tokyo Dome, que promove alguns eventos internamente, fez um acordo com Madonna para tocar por cinco noites. O Dome queria deixar fora uma ou ambas as noites prometidas ao U2 para acomodar a Material Girl², e já que é a casa deles, eles poderiam muito bem ter feito isso. O promotor do U2 praticamente subiu pelas paredes e lançou uma maldição samurai aos hereges: “Se vocês quebrarem a sua palavra comigo com isso eu vou destruí-los, mesmo que fazendo isso eu seja destruído!”

¹ Fim do século, em francês.

² Alusão à música da cantora, que leva esse nome.

O Tokyo Dome se assustou. McGuinness recebeu um telefonema irritado do pessoal da Madonna dizendo: “*Seu promotor em Tóquio ameaçou matar nosso promotor em Tóquio!*”

McGuinness disse, mais ou menos: “Bom para ele”. (McGuinness também diz que a ameaça era simbólica, foi apenas uma demonstração de determinação.) O U2 conseguiu suas datas. Madonna terá de tocar em torno dessas datas. Mas o promotor que estava disposto ao kamikaze pelo U2 agora está tão amargurado que nem sequer vai aos shows.

Nesta semana, é possível ver os números finais dos dois longos anos de trabalho pesado da mega turnê. O U2 está no vermelho, mas não por uma larga margem. O que os salvou de entrarem em falência foi a indústria do vestuário. “Arrecadamos 30 milhões de dólares em vendas de camisetas”, diz McGuinness. “Sem isso, estaríamos lascados”.

Nos bastidores do Tokyo Dome, alguém (me atreveria a dizer que foi o Willie) cobriu os corredores com 157 pedaços de papel, cada um com o nome e o número de uma das 157 datas dessa turnê de dois anos e anexou mensagens, fotos e frases. Esse papel de parede, como uma trilha de memórias, sobe e desce escadas, entra e sai da lanchonete e em todos os cantos dos bastidores, mostrando shows de Lakeland, na Flórida, até esta bola de praia climatizada (o Domo). O trecho final dessa trilha memorial inclui:

“118 Berlim. Tire suas bolas do bunker!”

“138 Glasgow”. Uma foto de Fintan em que alguém desenhou um machado, cortando sua cabeça ao meio e a legenda: “Você confiaria em um cabeleireiro careca?”

“143 Wembley. Garotas do rock”. Fotos das mulheres do Principle.

“146 Dublin. Você precisa de *quantos* ingressos?”

“152 Sydney. Baixo? Que baixo? Stu TV. Stuart arrasa! Sturopa!”

“156 Tóquio”. Real Thing - boa versão rap, pessoal”.

Sigo a trilha de papel até o refeitório, onde encontro Edge sentado em uma mesa de jantar nos bastidores, praticando giros e gestos das mãos estilo Motown¹. “Acho que é aqui que reside o futuro do U2”, diz ele. “Coreografia. Coisas do tipo Four Tops”². Edge diz que se pode dizer que o U2 está esgotado quando eles se reúnem para fazer testes de som: “As ideias realmente secaram ultimamente”.

Ele diz que está ansioso para se afastar do circo por um tempo, e ter a chance de entrar nele novamente. Ele também está preocupado em descobrir como encaixar a guitarra no futuro da música. “As coisas estão parecendo extremamente difíceis para a guitarra no momento”, diz ele. “Exceto como um instrumento retro. As guitarras sintetizadas soam como sintetizadores baratos. Mas não quero desistir da guitarra, dessa grande vitalidade”. Seu olhar se desvia no ar, subdividindo mentalmente Deus sabe que equação complexa.

¹ *O Som da Motown* é um estilo de “soul” bem característico, com o uso de instrumentos como pandeiros, baterias e instrumentos do “rhythm and blues” além de um estilo de ‘canto-e-resposta’ (com a repetição, por parte do coral, de frases inteiras ou palavras de alguns versos) originário da música gospel. O “som da Motown” também é marcado pelo uso de orquestração e instrumentos de sopro, por harmonias bem arrançadas e outros refinamentos de produção da música pop, e é considerado precursor da Era Disco dos anos 70.

² Um quarteto de cantores americanos negros dos anos 50 que fizeram enorme sucesso, “The Four Tops”.

Acontece que ele está se perguntando se, neste momento, Larry teria encontrado a carta de uma fã que Edge deixou visivelmente no camarim. A carta diz a Edge que ele é “o membro mais bonito do U2. Bono tem um nariz grande e Larry parece uma boneca inflável”. Edge recebeu o bilhete na Austrália e planeja deixar assim até Larry perceber.

“Os baixistas atraem os fãs mais estranhos”, diz Edge. “Eu costumo atrair estudantes de óculos da M.I.T. [Instituto de Tecnologia de Massachusetts]. Bono recebe os poetas. E Larry, infelizmente, atrai as garotas”. Edge suspira e repete o antigo ditado: “Deveríamos ter escolhido um Ringo”.

O lindo garoto em pessoa entra na cafeteria, sem mostrar sinais de ainda ter se visto descrito como inflável. Edge levanta-se para recolher a sua nota amassada para a próxima vez, e eu me sento com Larry para uma conversa de última hora antes do último show da Zoo começar.

Pergunto-lhe se ele se arrepende de que a banda tenha trabalhado tanto por tanto tempo e tocado para tantas pessoas - e está saindo com milhões de dólares a menos do que se tivesse realizado um show mais simples.

“Em comparação com muitas pessoas em nossa posição, não ganhamos muito dinheiro”, admite Larry. “Optamos por manter nossa dignidade e também nos dedicar mais tempo a fazer música. Ao fazer um show como esse, não estamos ganhando dinheiro, mas isso é irrelevante. Isso amplia nossa base para que da próxima vez possamos fazer o que queremos, podemos fazer mais música. No final, é investir em nosso futuro. Não em nosso futuro financeiramente, em nosso futuro musicalmente, porque no final do dia é isso que importa. Todos nós ganhamos dinheiro suficiente para viver o resto de nossas vidas muito confortavelmente. É dinheiro suficiente”.

“A maior responsabilidade de tudo isso é o fato de você empregar muitas pessoas e ser responsável por elas, responsável por garantir que elas sejam cuidadas. Os meios de subsistência das pessoas dependem de você. Eu não gosto muito dessa responsabilidade, mas isso faz parte do nosso trabalho”.

Larry ainda é o único outro membro da banda a quem Bono ousou abordar a ideia de retornar a Tóquio para fazer o próximo álbum. Pergunto como ele se sente sobre a ideia e ele diz: “Eu poderia lidar com isso. É um lugar muito difícil, um lugar muito diferente. É um dos lugares mais estranhos que eu já estive. Há uma atmosfera engraçada aqui. Não tenho a certeza, em nível espiritual, do que sinto em relação a isso. No entanto” - ele sorri - “estou pronto para a viagem, eu estou disposto a isso. Se isso ajudar a fazer um grande álbum, se ajudará Bono a ficar inspirado e se isso fará a banda ser uma banda melhor, eu estarei lá”.

Sugiro que uma das vantagens seja que, se você estiver em um ambiente bastante estranho, poderá fazer o que faz naturalmente e sairá parecendo renovado. Lembro-lhe o que Adam e Flood disseram ao fazer Zooropa - que, se o U2 entrar em uma sala e simplesmente tocar, soará como o antigo U2, então agora tudo precisa ser interrompido e pensado por causa de uma decisão consciente da banda em explorar novos territórios. Verdade?

“Eu acho que era verdade”, diz Larry. “Acho que descobrimos como casar a eletrônica com o que o U2 faz. Não há nada diferente; é usar a tecnologia para ajudá-lo a fazer melhor o que faz. A ideia de nós quatro entrar em uma sala e tocar juntos não me interessa mais. Prefiro mais ter algumas baterias eletrônicas, algo com que eu possa me divertir. Porque eu toco melhor assim. Eu nunca achei que pensaria assim, mas toco melhor contra outras coisas e sendo inspirada por elas. Depois de dez anos, quatro pessoas em uma sala não são tão inspiradoras quanto eram. Você tem que abrir novos caminhos. É isso que estamos tentando fazer e acho que é realmente saudável.

“Eu passei pelo meu próprio processo de aprendizado. Foi muito difícil durante o *Achtung Baby*. Depois que lidamos com isso, encontrei uma verdadeira sensação de paz comigo mesmo. Estou muito seguro do que estou fazendo, muito seguro do que eu quero. Eu cheguei a um estágio na minha vida em que

estou feliz em fazer isso! Quero mais do que qualquer outra coisa e estou preparado para fazer o que for necessário para que isso siga acontecendo. Me comprometi novamente com a banda”.

Um membro da Zoo TV me disse que Larry disse que durante o ano de folga da banda ele sairia e “se tornaria um ótimo baterista”, e ele planeja trazer Adam junto com ele nem que for preciso arrastá-lo à força. Nos últimos dois anos, Larry assumiu silenciosamente o papel de policial e consciência de Adam. É um assunto delicado, mas peço a Larry para comentar sobre as chances de ele e Adam passarem um ano juntos estudando música em Nova York.

“É um assunto delicado”, diz Larry, “porque tem a ver com Adam em um nível pessoal. Minha preferência seria que Adam me acompanhasse e assumisse a responsabilidade por sua posição lógica - que é ser simplesmente o baixista da banda - mas tem muito mais peso do que isso. Prefiro que ele escolha lutar por tudo isso. No entanto, ele tem coisas diferentes com as quais precisa lidar. Ele tem diferentes dificuldades em ser bem-sucedido. Pessoas diferentes lidam de maneiras diferentes”.

Menciono a ocasião em Berlim em que Adam tirou o baixo e disse a Bono: *apenas diga o que você quer que eu toque e eu tocarei - ou, se quiser tocar você mesmo, vá em frente.*

“É decepcionante que Adam às vezes se sinta assim às vezes”, diz Larry lentamente. “No entanto, embora sejamos uma banda, as pessoas têm que escolher seu próprio caminho e fazer o que for necessário para chegar nessa turnê ou naquela noite ou naquele álbum. E se disser: ‘Olha, apenas me mostre a linha e eu a reproduzirei’, é a opção que ele quer ter, essa é a sua escolha. Não é minha escolha. Não vou deixar isso tão fácil para ninguém. Eu não aguentaria. Na verdade, eu simplesmente não poderia fazer isso. Eu não sou assim”.

Eu aviso a Larry que vou tentar convencê-lo a falar sobre o assunto que Bono se esquivou de responder ontem: discutir sobre a atual fé religiosa dos membros da banda.

“É uma questão muito difícil”, diz Larry cautelosamente. “Muito, muito difícil. Sempre foi uma coisa pessoal e dentro da banda sempre tivemos visões muito diferentes sobre onde estávamos indo como indivíduos. Em um nível pessoal, não perdi minha fé. Não a pratico da mesma maneira que quando era mais jovem, mas não perdi de vista os seus fundamentos. Há muitas pessoas por aí que discordam e dizem: ‘Bem, como você pode fazer isso e como você pode se considerar assim?’”

“Nunca houve regras aplicadas à minha fé. Minha fé é uma coisa pessoal. Tenho certeza de que há coisas com as quais você pode se safar” - ele sorri - “como em qualquer outra coisa, e não há dúvida de que insistimos até o limite, até o limite. E, ocasionalmente, caímos do outro lado, mas nunca achei que meu trabalho como músico fosse me levar a cantar gospel ou fazer proselitismo. Sempre achei que sou músico em uma banda e me foi dado um dom. E eu acredito que esse dom é de Deus. Eu não acredito que seja de qualquer outro lugar. E se em algum momento eu abusar disso, acho que vou saber. Essa será a hora de parar. Eu acho que isso é importante”.

É hora do U2 tocar. Enquanto as luzes da casa se apagam, saio para assistir ao show. Entre os convidados da mesa de som, incomumente lotada, estão Madonna, boa parte de sua banda e equipe, Terence Trent D'Arby, e Simon LeBon, do Duran Duran.

Hoje à noite, o show final, Bono não aceitará nada menos que um grande show. A má atuação da noite passada ronda sua consciência, e ele sabe que esta é a última vez que o U2 montará a Zoo TV no palco, roendo as unhas de sua ambição. A banda sai tocando bem, mas você pode ver quem são os estrangeiros na plateia porque eles são os únicos que se levantam e dançam. Os fãs japoneses permanecem educadamente em seus lugares. Desta vez, Bono não vai aceitar isso. O homem da bandeira branca nunca aceitou “diferenças culturais” como qualquer tipo de desculpa. Se *The Fly* não conseguir fazê-lo, ele tentará outra coisa. Durante “Until the End of the World”, ele corre para o final do palco B, implora à multidão que se ponha de pé, e estende a mão para bater palmas. Ele está fazendo

contato visual, fazendo contato físico, fazendo contato com o coração. E ao observá-lo, fico sobrecarregado com a sensação de que estou vendo alguém que eu já conhecia. *Eu reconheço esse cara!* Lembro-me dele dos clubes quando o U2 estava apenas começando! Este é o garoto que vai fazer qualquer coisa para chegar até o público, seja escalando o andaime ou mergulhando do balcão. Não há The Fly agora, Macphisto, nenhuma máscara pública. Só existe o Bono, orando através de seu microfone, infectando todos os que toca com seu entusiasmo espástico, vencendo os céticos ao conquistar cínicos em todos os clubes de new wave, de Dublin à Califórnia, no início dos anos 80. Eu quase tinha esquecido esse louco; não sabia que tinha sentido falta dele.

Anton está encurvado sobre sua barriga como uma serpente, deslizando pela rampa até o palco B para filmar Bono, que está provocando a plateia confusa, animada, de pé e *dançando*. Ele está com um pé fora do palco B e está inclinado sobre as cabeças dos jovens, exortando-os a se levantarem, enquanto Jerry Mele se agarra à parte de trás de seu cinto para impedir que ele caia. Então Bono fixa o olhar no panorama dos rostos enchendo o Domo e ele afasta a mão de Jerry, pulando do palco para a multidão. Agora aqueles jovens começam a se soltar! Como um alcoólatra que toma um pequeno gole após uma longa abstinência, o velho Bono, que mergulha no palco, está de volta à casa. Durante “Where The Streets Have No Name”, ele sempre corre para o final da rampa ao lado de Adam do palco. Hoje à noite, Bono continua, lançando-se do fim da rampa direto para a multidão assustada. Ele se levanta correndo, correndo entre eles, tentando atravessar o meio da plateia.

Os seguranças partem atrás de Bono. Os fãs, a quem ele passa perto, começam a se elevar, se empolgar, entendendo a ideia, batendo palmas, dançando um pouco mais. Como eles respeitamos os espaços dos corredores, Bono tem um caminho bem aberto e ele continua indo até a borda externa do piso, percorrendo a circunferência cantando em seu microfone enquanto os fãs enjaulados pelas cercas, avançam, pulando na tela e tentando escalar ou enfiar os dedos entre as grades enquanto Bono passa correndo. Agora, quando ele se aproxima do fundo do corredor, até os fãs que antes estavam grudados no chão estão perdendo suas inibições. Eles começam a pular, alguns até correndo em sua direção. Os guardas de segurança japoneses estão fora de si - eles também estão correndo, tentando acenar para as pessoas voltarem, fazê-las se sentar.

A equipe de segurança está correndo, acompanhando Bono. Jerry - sua adrenalina subindo, seu braço atirado para a frente como Johnny Unitas¹, seus olhos correndo em busca de perigo - *começa a ter um flashback do Vietnã*. Ele, seu comandante e seu oficial subalterno estão correndo, correndo, e as pessoas estão gritando e berrando e - os asiáticos atacando - correndo em direção a eles, tentando escapar e alguns deles - a plateia - são seus amigos que ele tem que proteger e outros - os zangados seguranças - ele tem que os afastar ou evitar que eles machuquem os bons e Jerry está suando muito tentando ficar de olho em Bono, manter a situação sob controle e continuar dizendo a si mesmo que *isso não é o Vietnã!*

À medida que descem pelo corredor em direção ao palco, Bono está encharcado de suor, com o coração acelerado, se esforçando ao máximo para continuar correndo. Os jovens estão enlouquecidos agora, atrás e na frente dele, correndo para os corredores para tocá-lo ou para correr ao lado dele, o salão inteiro aplaudindo. Eric não consegue acreditar na capacidade de Bono de encontrar uma abertura e atravessá-la um segundo antes de fechar; Eric sente que é como se eles estivessem correndo por colinas sem ter ideia do que está por vir, mas o chão sob seus pés cai no segundo em que pisam nele. Bono chega à beira do palco, onde a banda ainda está tocando “Streets” e pensa: “Eu nunca conseguirei voltar lá para cima”, quando ele sente Jerry, Eric e David o levantando, outros braços ajudando e então ele está de volta ao palco, com o microfone na mão, colocando-se de pé debaixo dos holofotes e cantando. E o lugar inteiro sabe quem ele realmente é agora. E o lugar inteiro sabe que eles são como ele. Eles estão gritando “You too!” “You too”. “You too!”

¹ Johnny Unitas é um antigo e famoso jogador de futebol americano.

Depois do concerto, há uma abundância de cumprimentos e brindes de vinho. Madonna saiu sem dizer boa noite, mas sua banda e D'Arby e LeBon voltam todos para parabenizar o U2. Jerry está regalando Bono com uma descrição de seu flashback vietnamita durante a grande corrida. "Eu vou te dizer, chefe" - Jerry sorri, balançando a cabeça - "se houvesse *árvores*, eu teria matado alguém!" Ninguém viu Adam ou Fintan por um tempo. Uma porta se abre e o baixista emerge com a cabeça totalmente raspada. Fintan segue com um brilho nos olhos e passa a se sentar ao lado de uma das anfitriãs da One-Eyed Jacks. "Você precisa beber muito saquê para se embriagar", ela observa quando vê o que ele está bebendo. "É isso o que eu pretendo", responde Fintan.

Depois de uma ou duas horas de enrolação, é hora de ir para o hotel. Enquanto Bono caminha pela rampa da porta dos fundos do Tokyo Dome para o ônibus de turismo em espera, um grito surge dos fãs que estão sendo mantidos atrás de uma corda e um jovem segurando um *tour book* do U2 passa rapidamente sob a corda e vem rasgando em direção a Bono. É alarmante, e eu não culpo Oddjob, o guia japonês, por dar um golpe de karatê na garganta do cara, de modo que suas pernas disparam para a frente e ele cai bruscamente de bunda no chão. Mas Bono fica furioso. Ele grita com Oddjob e depois levanta o intruso, certifica-se de que ele está bem e passa cinco minutos conversando com ele e autografando seu *tour book*, enquanto os jovens atrás da corda ficam cada vez mais frenéticos e os seguranças mais nervosos.

De volta ao hotel, a festa do Fim da Turnê está cansada e contida. Uma suíte no hotel foi contratada e as pessoas entram e saem a noite toda, bebendo drinks, mastigando lanches e conversando. Adam se senta num canto, vestindo um roupão de banho, parecendo tão confortável como se esta fosse a sua sala de estar. O primeiro grupo de vôos de volta à Europa e à América são logo ao amanhecer, então muitos planejam ficar acordados até lá e dormir no avião. Bono é um deles. Mas, por volta das três, ele diz que está indo para o quarto por um minuto para fazer uma ligação e acaba adormecendo em sua cama.

Um a um, os outros membros do U2 se afastam da festa. Fintan coloca uma das suas intermináveis fitas cassete de dança. (A influência de Fintan no gosto do U2 não pode ser superestimada. Deve haver umas vinte ou trinta pessoas ansiosas para contar ao mundo como essa ou aquela ideia da Zoo TV / Achtung Baby / Zooropa surgiu deles. Fintan é uma influência maior do que todos eles juntos, mas você nunca ouvirá isso de Fintan).

Algumas das recepcionistas da One-Eyed Jacks também estão aqui, pedindo uma quantidade sem fim de saquê do serviço de quarto e trocando sensíveis olhares com o esquadrão de segurança. Paul McGuinness parte com um convite para ligar para ele a qualquer hora e "me fazer as perguntas realmente difíceis".

A última estrela em pé é Larry Mullen. Por volta das 4 da manhã, o membro mais privado do U2 vira e me diz o Segredo do Universo:

"Ninguém no U2 entende isso. Nenhum de nós entende de onde vem essa música. Se um de nós escrevesse um livro sobre a banda, ele não seria capaz de explicá-lo. *Nós não sabemos*. Você me perguntou antes sobre a nossa fé". Ele levanta os olhos para indicar o céu sem dizê-lo em voz alta e diz: "Eu tenho que acreditar que é daí que vem. E é por isso que nós dançamos ao longo do limite de quanto longe podemos ir a partir daí. E às vezes vamos para bem longe".

A pergunta que começou essa jornada foi: "Até onde você vai antes que perca o caminho de volta para casa?" Esses palhaços foram até os confins do mundo, dançaram com suas dúvidas e colocaram à prova suas tentações, e nunca se perderam completamente. Daqui em diante eu sei que eles terão confiança para ir a qualquer lugar que sua imaginação os levar.